

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2015, Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

*The Lewis Man*  
Publicado pela primeira vez sob o título *L'Homme de Lewis*  
© Editions du Rouergue, 2011

Título original: *The Lewis Man*  
Título: *Um Homem Sem Passado*  
Autor: Peter May  
Tradução: Ana Mendes Lopes  
Revisão: Sérgio Fernandes  
Paginação: Maria João Gomes  
Arranjo de capa: João Faustino / Marcador Editora  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-139-1  
Depósito legal: 389495/15

1.ª edição: abril de 2015

*É neste lugar que eles vivem:  
Não aqui e agora, mas onde tudo aconteceu outrora.*

Excerto de «The Old Fools», de Philip Larkin

## PRÓLOGO

**N**esta ilha fustigada pela tempestade, a três horas da costa noroeste da Escócia, o pouco solo que existe alimenta e aquece as pessoas. Também acolhe os seus mortos. E muito ocasionalmente, como hoje, traz um deles à superfície.

O corte da turfa é um acontecimento social. Família, vizinhos, crianças, todos se reúnem na charneca com um vento suave a soprar de sudoeste para secar as ervas e afastar os mosquitos. Annag tinha apenas cinco anos. Era a primeira vez que ia cortar turfa, aquela que recordaria para o resto da sua vida.

Passou a manhã com a avó, na cozinha da casa da pequena quinta, a ver os ovos a cozerem no velho fogão Enchantress, alimentado com a turfa do ano anterior. Agora, as mulheres atravessavam a charneca carregadas com cestos, Annag ia descalça, a água castanha do paul escorria-lhe por entre os dedos dos pés, enquanto corria por cima das urzes ásperas, tomada pela excitação daquele dia.

O céu enchia-lhe os olhos. Um céu rasgado e desfiado pelo vento. Um céu que deixava escapar a luz do sol em rasgos momentâneos que se espalhavam pelas ervas mortas, onde as pontas brancas do algodão do paul se agitam em turbulentos remoinhos de ar. Nos dias seguintes, as flores silvestres da primavera e do início do verão irão transformar os despojos acastanhados do inverno num mar amarelo e lilás, mas por enquanto continuam dormentes, mortas.

*Ao longe, viam-se as silbuetas de meia dúzia de homens de macacões e boinas de tecido, recortadas contra o sol brilhante a pairar sobre o oceano que fustiga os rochedos de inexorável gneisse preta. Era quase ofuscante, e Annag levantou a mão para proteger os olhos e para os ver a endireitarem-se e a curvarem-se enquanto a tarasgeir deslizava através da turfa preta, transformando-a em quadrados húmidos. A terra estava marcada por gerações de corte de turfa. De trincheiras com 30 ou 45 centímetros de profundidade, com blocos de turfa acabados de cortar dispostos em cima, para que pudessem secar de um lado e de outro. Alguns dias mais tarde, os cortadores regressariam para o cruinneachadh, a recolha da turfa em rùdhain, pequenos montes triangulares que permitem que o vento sopra entre os blocos e os seque completamente.*

*Com o tempo, serão recolhidos com um carrinho e levados para as quintas, onde os pequenos e quebradiços blocos de turfa serão dispostos como tijolos, uns por cima dos outros, num padrão em espinha, para construir a pilha que irá manter a família quente e cozinhar a comida que lhes encherá a barriga no inverno seguinte.*

*Foi assim que as pessoas da Ilha de Lewis, a ilha mais a norte do arquipélago escocês das Hébridas, sobreviveram durante séculos. E nesta altura de incerteza financeira, enquanto o preço dos combustíveis subia, aqueles que ainda tinham fogões a lenha e lareiras abertas em casa regressavam aos magotes às tradições dos seus antepassados. Porque ali, os únicos custos para aquecer as casas eram o trabalho físico e a devoção a Deus.*

*Mas para Annag era apenas uma aventura, ali na charneca varrida pelo vento, com o cabelo suave a encher-lhe a boca enquanto se ria e chamava pelo pai e pelo avô, com as vozes altas da mãe e da avó, que conversavam algures atrás dela. A menina não se apercebeu da tensão que se espalhou por entre o grupo de cortadores de turfa à sua frente. Com a sua limitada experiência, não tinha como interpretar a linguagem corporal dos homens que se agachavam junto à parede de uma trincheira que se desmoronara perto dos seus pés.*

*O pai viu demasiado tarde que a menina se estava a aproximar e gritou-lhe que recuasse. Já foi demasiado tarde para que ela travasse o impulso, ou para que respondesse ao pânico na voz do pai. Os homens levantaram-se subitamente, viraram-se para ela, e Annag viu o rosto do irmão branco como os lençóis de algodão que coravam ao sol ensopados em lixívia.*

*Seguiu os olhos dele até à parede de turfa caída e ao braço que se entendia na sua direção; a pele curtida como se fosse pergaminho escuro, os dedos retorcidos como se agarrassem uma bola invisível. Uma das pernas estava torcida por cima da outra, a cabeça estava curvada em direção à trincheira, como se procurasse pela vida perdida, e havia buracos negros onde deviam estar os olhos.*

*Por um instante, Annag ficou perdida num mar de incompreensão, antes de entender o que estava a ver e o vento lhe ter arrancado um grito da boca.*

# UM

**G**unn viu ao longe os veículos estacionados na berma da estrada. O céu estava negro e azul, melancólico, pisado, espalhando-se sobre o oceano baixo e inquebrável. Os primeiros pingos de chuva foram varridos do vidro pela passagem intermitente das escovas do limpador para-brisas. O tom de chumbo do próprio mar estava salpicado pelas cristas brancas das ondas de três ou quatro metros que se quebravam e a solitária luz azul do carro da polícia que estava ao lado da ambulância era empurrada para a insignificância pela vastidão da paisagem.

Para lá dos veículos, as casas rebocadas de Siader aninhavam-se contra o característico clima, expectantes e cansadas, mas habituadas aos seus assaltos incansáveis. No horizonte não se via uma única árvore. Apenas filas de vedações apodrecidas ao longo da estrada e os restos de tratores e carros enferrujados em jardins desertos. Os arbustos açoiados pelo vento, que se agarravam ao chão com obstinadas raízes, na esperança de que melhores dias viessem, mostravam os seus corajosos rebentos verdes, e um mar de linho dos brejos ondulava em vagas e correntes como se fosse água agitada pelo vento.

Gunn estacionou ao lado do carro da polícia e saiu para o vento inclemente. O cabelo preto, grosso, que crescia no cimo da testa

franzida foi soprado pelo ar, e ele apertou o casaco preto acolchoado contra si. Amaldiçoou-se por não se ter lembrado de trazer um par de botas e inicialmente caminhou com ligeireza sobre o solo suave, antes de sentir o frio da água do paul a entrar-lhe nos sapatos e a ensopar-lhe as meias.

Chegou ao primeiro talude de turfa e seguiu um trilho por cima dele, desviando-se dos montes de blocos que secavam. Os agentes tinham espetado estacas de metal no solo suave para demarcarem o local com a fita azul e branca da polícia, que murmurava e se agitava soprada pelo vento. O cheiro do fumo de turfa chegou-lhe das quintas mais próximas, a pouco menos de um quilómetro, em direção à beira dos penhascos.

Quase debruçado contra o vento, um grupo de homens aglomerava-se em volta de um corpo: os homens da ambulância, de colete amarelo fluorescente, à espera de o levar, e polícias de impermeáveis pretos e chapéus ao xadrez, que pensavam já ter visto de tudo na vida. Até agora.

Afastaram-se, sem proferir uma palavra, para deixarem Gunn passar, e este viu o perito de patologia agachado, debruçado sobre um corpo, sacudindo delicadamente a turfa seca com os dedos protegidos por luvas. Quando Gunn pairou sobre a sua cabeça, o perito olhou para cima; Gunn viu pela primeira vez a pele castanha e tsnada da cabeça do homem.

Franziu o sobrolho.

– Ele é... de cor?

– A única cor que tem é a da turfa. Eu diria que era caucasiano. Bastante jovem. No fim da adolescência ou no início dos vinte. É um cadáver de paul clássico, quase perfeitamente preservado.

– Já viste um destes antes?

– Nunca. Mas já li sobre eles. É o sal que o vento traz do mar que faz com que o musgo da turfa prolifere aqui. E, quando as raízes apodrecem, criam um ácido. O ácido preserva o corpo, quase como se fosse um *pickle*. Os órgãos dele devem estar virtualmente intactos.

Gunn fitou os restos mumificados com uma curiosidade indisfarçável.

– Como é que ele morreu, Murdo?

– Violentamente, segundo parece. Vejo o que aparentam ser várias marcas de esfaqueamento na zona do peito, e a garganta foi cortada. Mas vou pedir ao médico-legista que te envie o relatório com a causa definitiva da morte, George. – Levantou-se e tirou as luvas. – É melhor tirá-lo daqui antes que comece a chover.

Gunn acenou com a cabeça, mas não foi capaz de afastar os olhos do rosto do jovem rapaz preso na turfa. Embora as suas feições estivessem engelhadas, qualquer pessoa que o conhecesse seria capaz de o identificar. Só o tecido suave e exposto dos olhos se tinha decomposto.

– Quanto tempo esteve ele aqui?

A gargalhada de Murdo perdeu-se no vento.

– Quem sabe? Centenas de anos, talvez milhares. Vais precisar de um perito para responder a essa pergunta.





# DOIS

**N**ão preciso de olhar para o relógio para saber as horas. É estranho como a mancha castanha do teto parece sempre mais clara de manhã. Os vestígios cristalinos de bolor que seguem a racha do teto parecem mais brancos. E é estranho como acordo sempre à mesma hora. Não é a luz que entra pelas frinchas dos cortinados que me acorda, porque nesta altura do ano as horas de escuridão são muito poucas. Deve ser uma espécie qualquer de relógio interno. Aqueles anos todos em que me levantei de madrugada para a ordenha e para tudo o resto que ocupava as horas dos meus dias. Agora já não tenho nada.

Gosto bastante de olhar para a mancha do teto. Não sei porquê, mas de manhã faz-me lembrar um cavalo elegante, com sela, que está ali à minha espera, para que o leve rumo a um futuro melhor. Mas à noite, quando o dia fica mais sombrio, ela assume uma forma diferente. Como uma criatura feroz e chifruda, pronta para me arrastar para a escuridão.

Ouvi a porta a abrir-se e quando me virei vi uma mulher ali parada. Parecia-me familiar, mas não consegui localizá-la com precisão. Até que ela falou.

– Oh, Tormod...

Claro. É a Mary. Reconheceria a voz dela em qualquer parte. Questiono-me por que razão parece tão triste. E há mais qualquer coisa. Alguma coisa que faz com que os cantos da sua boca se virem para baixo. Parece nojo. Sei que ela costumava amar-me, embora não tenha a certeza de que alguma vez a tenha amado.

– O que foi, Mary?

– Sujaste a cama outra vez.

E foi então que também o cheirei. Subitamente. É um cheiro quase esmagador. Porque não reparei nele antes?

– Não te podias ter levantado? Não podias?

Não sei por que razão está sempre a culpar-me. Não o faço de propósito. Nunca o faço de propósito. O cheiro piora quando a Mary puxa os cobertores para trás, obrigando-a a tapar a boca com a mão.

– Levanta-te – disse. – Tenho de tirar a roupa da cama. Vai, leva o pijama para a casa de banho e toma um duche.

Balancei as pernas para o lado da cama e esperei que ela me ajudasse a levantar. Eu não costumava ser assim. Sempre fui o mais forte. Lembro-me da altura em que ela torceu um pé junto do redil velho quando andávamos a reunir os animais para a tosquia. Ela não conseguia andar e tive de a levar ao colo até casa. Quase três quilómetros e meio, com dores nos braços, mas da minha boca não saiu um único queixume. Porque nunca se lembra disso?

Será que não percebe como isto é humilhante? Virei a cabeça para o outro lado, para que ela não visse as lágrimas que se reuniam nos meus olhos, e senti-me a pestanejar furiosamente para as segurar. Inspirei profundamente.

– Pato Donald.

– Pato Donald?

Olhei de relance para ela e quase me encolhi com a fúria que vi nos seus olhos. Foi isso que eu disse? Pato Donald? Não pode ter sido isso que quis dizer. Mas naquele momento não me lembrava do que queria dizer. Por isso repeti, com firmeza:

– Sim, Pato Donald.

Ela levantou-me, quase com brutalidade, e empurrou-me em direção à porta.

– Sai da minha frente!

Porque estará tão zangada?

Arrastei os pés até à casa de banho e despi o pijama. Onde é que ela disse para o pôr? Deixei-o no chão e olhei-me ao espelho. Um velhote com meia dúzia de cabelos finos e brancos e com uns olhos do azul mais pálido olhou fixamente para mim. Por instantes, questionei-me sobre quem seria ele, mas depois olhei através da janela para a costa, para lá do *machair*. Consigo ver o vento a agitar o pesado pelo de inverno das ovelhas que pastam na erva doce e salgada, mas não o consigo ouvir. Nem consigo ouvir o mar que se quebra na costa. A maravilhosa água do mar, branca e espumosa, cheia de areia e fúria.

Deve ser dos vidros duplos. Nunca tivemos daquilo na quinta. Lá, sabíamos que estávamos vivos, com o vento a assobiar por entre os caixilhos das janelas e a soprar o fumo da turfa pela chaminé abaixo. Lá, havia espaço para respirar, para viver. Aqui, os quartos são tão pequenos, isolados do mundo. É como viver numa bolha.

Aquele velhote está a olhar outra vez para mim, através do espelho. Sorri-lhe e ele devolveu-me o sorriso. Claro, sempre soube que aquele velho era eu. E questiono-me acerca de como estará o Peter.



# TRÊS

Quando Fin desligou finalmente a luz, já estava escuro. Mas as palavras continuavam ali, queimadas nas suas retinas. Não havia escapatória possível na escuridão.

Além de Mona, havia os depoimentos de mais duas testemunhas. Nenhuma delas tivera presença de espírito para anotar a matrícula do carro. Não era surpreendente o facto de Mona não a ter visto. O carro atirou-a ao ar, para depois cair desamparada sobre o capô e o vidro da frente com uma força impressionante, antes de ser atirada para o lado e rebolar várias vezes sobre a implacável superfície metálica da estrada. Era um milagre não ter sofrido ferimentos mais graves.

Robbie, com o centro de gravidade mais baixo, tinha ficado por baixo das rodas.

De cada vez que lia as palavras, imaginava-se lá, imaginava-se a ver tudo, e, de cada vez que o fazia, sentia que uma náusea se formava no estômago. Na sua cabeça, era tão real como se fosse uma memória verdadeira. Como era a descrição que Mona fez do rosto que viu atrás do volante, cravado tão claramente na recordação dela, apesar de ela o ter visto apenas por uma fração de segundo. Era um homem de meia-idade com o cabelo mais ou menos comprido, castanho-rato. Barba de dois ou três dias. Como conseguira ela ver isto? E sem ter a menor dúvida! Ele até pedira a um desenhista da polícia para fazer um esboço a partir

da descrição de Mona. Era um rosto que continuava no processo, um rosto que assombrava os sonhos de Fin, mesmo depois de nove meses.

Virou-se e fechou os olhos, procurando em vão pelo sono. Por detrás da cortina, as janelas do quarto de hotel estavam abertas, para deixar entrar o ar, mas também o rugido do trânsito da Princess Street. Encolheu os joelhos até ao peito e entalou os cotovelos de lado, com as mãos cruzadas por cima do peito, como um feto em oração.

O dia seguinte seria o fim de tudo o que conhecera durante a maior parte da sua vida adulta. De tudo aquilo que tinha sido, de tudo aquilo em que se tornara e que provavelmente seria. Como aquele dia, há muitos anos, em que a tia lhe dissera que os pais tinham morrido e em que ele se sentiu, pela primeira vez na sua curta vida, total e completamente sozinho.

A luz do dia não lhe trouxe qualquer sensação de alívio; apenas a calma determinação para o ultrapassar. Uma brisa quente soprava através de Bridges, a luz do sol caía em padrões ondulantes sobre os jardins do castelo. Determinado, Fin abriu caminho através da multidão conversadora, que usava leves roupas de primavera. Uma geração que se esquecera dos avisos dos mais velhos para *ne'er cast a clout til May is oot*.<sup>1</sup> Nunca lhe parecia inteiramente justo que as vidas das outras pessoas continuassem como antes. Ainda assim, quem adivinharia a dor que sentia por trás daquela máscara de normalidade? Por isso, quem sabia da agitação que se escondia atrás das fachadas dos outros?

Parou na loja de fotocópias de Nicolson Street, e guardou as páginas copiadas na pasta de couro, antes de se dirigir para este, para a St. Leonard's Street e a Divisão «A» da sede da polícia, onde passara a maior parte dos últimos dez anos. A festa de despedida tinha acontecido há duas noites, num bar em Lothian Road, onde fora beber um copo com um punhado de colegas. Essa fora uma ocasião sombria, marcada principalmente por recordações e arrependimentos, mas também por algum carinho genuíno.

<sup>1</sup> Provérbio popular que, traduzido literalmente, significa «Nunca tirar roupa até maio chegar ao fim». (N. T.)

Algumas pessoas acenavam-lhe com a cabeça no corredor, outras cumprimentavam-no com um aperto de mão. Demorou apenas dez minutos para tirar da secretária as coisas que lhe pertenciam e para as guardar numa caixa de cartão. A acumulação triste dos detritos de uma vida de trabalho inquieta.

– Vou ficar com o teu distintivo, Fin.

Fin virou-se. O DIC Black tinha um certo ar de abutre. Esfomeado e atento. Fin acenou com a cabeça e entregou-lhe a carteira com o distintivo.

– Tenho pena de te ver partir – disse Black. Mas não parecia abalado. Nunca duvidara da competência de Fin, mas sim do seu empenho. E só agora, depois de todos aqueles anos, é que Fin se sentia preparado para admitir que Black tinha razão. Ambos sabiam que ele era um bom polícia, mas Fin demorou um pouco mais de tempo até perceber que essa não era realmente a sua vocação. Foi preciso Robbie morrer para que isso acontecesse.

– Os registos dizem-me que há três semanas foste buscar o processo de atropelamento e fuga do teu filho – Black fez uma pausa, talvez à espera de que Fin o reconhecesse. Ao constatar que isso não aconteceu, acrescentou: – Eles querem o processo de volta.

– Claro – Fin tirou o processo da pasta e deixou-o cair em cima da secretária. – Não que alguém o volte a abrir.

Black acenou com a cabeça.

– Provavelmente não – hesitou. – E também está na hora de o fechares de vez, Fin. Isto vai acabar por te devorar as entranhas e dar cabo do resto da tua vida. Desiste, filho.

Fin não foi capaz de olhar para ele. Pegou na caixa com as suas coisas.

– Não posso.

Na rua, contornou as traseiras do edifício, abriu a tampa de um enorme caixote verde de reciclagem e esvaziou a caixa de cartão lá para dentro; a seguir deitou a caixa também. Nada daquilo tinha utilidade para ele.

Ficou ali um instante, a olhar para cima, para a janela de onde tantas vezes vira o sol, a chuva e a neve a espalharem-se sobre as encostas



sombrias de Salisbury Craggs. Todas as estações de todos os anos desperdiçados. Foi para a St. Leonard's para arranjar um táxi.

O táxi deixou-o na estrada íngreme de seixos da Royal Mile, mesmo abaixo da Catedral de St. Giles, e Fin encontrou Mona à sua espera em Parliament Square. Ela continuava a vestir as suas monótonas e cinzentas roupas de inverno, que quase se perdiam por entre a arquitetura clássica daquela Atenas do norte, por entre os edifícios de arenito, escurecidos pelo tempo e pelo fumo. Fin presumiu que a roupa refletisse a sua disposição. Mas Mona estava mais do que deprimida. A sua agitação era evidente.

– Estás atrasado.

– Desculpa. – Pegou-lhe no braço e apressaram-se a atravessar a praça deserta, pelos arcos por baixo das colunas altas. E Fin questionou-se se o atraso tinha sido inconscientemente propositado. Não tanto pela falta de vontade em deixar que o passado ficasse para trás, mas pelo medo do desconhecido, de deixar a segurança de um relacionamento confortável para enfrentar o futuro sozinho.

Olhou de relance para Mona quando passaram os portais do que antigamente fora o Parlamento escocês, antes de os proprietários rurais e de os comerciantes que ali se sentaram há trezentos anos terem cedido aos subornos dos ingleses e terem vendido o povo que deviam representar em prol de uma união que não era desejada. A união de Fin e Mona também tinha sido uma união de conveniência, uma amizade sem amor. A sua força motriz era o sexo ocasional e a relação manteve-se devido ao amor que sentiam pelo filho. Agora, sem Robbie, ela acabava ali, no Tribunal da Corte. Com um decreto *nisi*, provisório. Um simples pedaço de papel que encerrava um capítulo da vida de ambos que levava dezasseis anos a escrever.

Fin viu a mágoa no rosto de Mona, e os arrependimentos de uma vida inteira voltaram para o assombrar.

Feitas as contas, foram necessários apenas alguns minutos para deitar todos aqueles anos para o caixote do lixo da história. Os dias bons e os maus. As dificuldades, as gargalhadas, as brigas. E saíram para a

brilhante luz do sol que se espalhava pelo chão de seixos, com o trânsito a rugir por toda a Royal Mile. As vidas das outras pessoas continuavam, enquanto a deles parecia ter passado da pausa para a definitiva paragem. Ficaram ali como se fossem figuras de cera no meio de um filme acelerado, com o rosto do mundo a rodopiar à sua volta a toda a velocidade. Dezasseis anos depois, eram novamente dois desconhecidos, sem saber o que dizer a não ser adeus, e quase com medo de o dizerem em voz alta, apesar das folhas de papel que seguravam nas mãos. Porque, além de adeus, o que havia mais para dizer? Fin abriu a bolsa de couro para guardar as folhas, e as fotocópias do processo que levava na pasta bege escorregaram e espalharam-se em volta dos seus pés. Baixou-se rapidamente para as reunir e Mona agachou-se para o ajudar.

Apercebeu-se da cabeça dela a virar-se para si quando apanhou algumas das folhas. Deve ter percebido de imediato o que eram. O seu próprio depoimento estava entre as fotocópias. Algumas centenas de palavras que descreviam uma vida roubada e uma relação perdida. O esboço de um rosto a partir da sua descrição. A obsessão de Fin. Mona levantou-se, entregou-lhe as folhas e observou-o enquanto ele as guardava apressadamente na pasta.

Quando chegaram à rua e o momento da separação já não podia ser evitado, Mona disse:

- Mantemo-nos em contacto?
- Achas que vale a pena?
- Acho que não.

E, com aquele punhado de palavras, todo o investimento que fizeram um no outro ao longo dos anos, todas as experiências partilhadas, o prazer e a dor, se perderam para sempre, como flocos de neve num rio.

Fin olhou de relance para ela.

- O que vais fazer quando a casa se vender?
- Vou voltar para Glasgow. Vou ficar uns tempos com o meu pai
- disse, cruzando o olhar com o dele. – E tu?

Fin encolheu os ombros.

- Não sei.

– Sabes, sim. – Era quase uma acusação. – Vais voltar para a ilha.

– Mona, passei a maior parte da minha vida adulta a evitar voltar para lá.

Mona abanou a cabeça.

– Mas é o que vais fazer. Sabes bem que sim. Jamais conseguirás fugir da ilha. Ela esteve aqui, entre nós, durante estes anos todos, como uma sombra invisível. Era algo que nos separava. Uma coisa que nunca pudemos partilhar.

Fin inspirou profundamente e sentiu o calor do sol a bater-lhe no rosto quando o levantou para o céu. Depois olhou para ela.

– Sempre houve uma sombra, sim. Mas não era a ilha.

Claro que ela tinha razão. Não havia mais nenhum sítio para onde pudesse ir, a não ser regressar ao ventre. Regressar ao lugar que o alimentara, que o alienara e que acabara por o afastar. Fin sabia que era o único lugar onde tinha hipótese de se encontrar novamente. No meio da sua gente, a falar a sua língua.

Ia de pé na cobertura do *Isle of Lewis* a observar a suave ondulação da proa, enquanto o barco atravessava as águas invulgarmente calmas do Minch. As montanhas do continente tinham desaparecido há muito e a sirene do barco soava agora abandonada enquanto mergulhavam no denso *haar* de primavera que cobria a costa oriental de toda a ilha.

Fin olhou atentamente pelos redemoinhos cinzentos do nevoeiro, sentindo a humidade no rosto, até que a mais débil das sombras emergiu finalmente da obscuridade. Uma minúscula mancha num horizonte perdido, sinistra e eterna, como um fantasma do passado que voltara para a atormentar.

À medida que a ilha assumia gradualmente a sua forma por entre a neblina, Fin sentia que os cabelos da nuca se eriçavam e foi invadido pela sensação quase esmagadora do regresso a casa.